

Contos de Alice

volume 2



Índice:

1 “Os oito filhos da irmã de Graciliano Ramos”	pg. 02
2 “A orquestra de Grilos”	pg. 11
3 “Aldisse”	pg. 21
4 “A moeda”	pg. 35
5 “O mar”	pg. 49
6 “Don’Ana”	pg. 56
7 “As mãos”	pg. 72



“Os oito filhos da irmã de Graciliano Ramos”

Foram os mais bonitos nomes que na minha pequenez dos meus oito anos, ouvira pronunciar: Alda, Clóvis, Sônia, Sandra, Ivan, Ivete, Fábio e Plínio. Alda já era uma moça e tinha um defeito no ombro que a obrigava a fazer fisioterapia num laço erguido, que nunca soube o que significava . Nem me propunha saber. Só a via muito alta, naquela posição, quando passávamos a correr na frente dela. Bons tempos aqueles, a gente era feliz e não sabia. Nem eu, nem os irmãos da moça alta, nem os meus irmãos. Nossas casas eram vizinhas, separadas apenas por grandes quintais sem muros ou cercas, de maneira que estávamos sempre juntos, nós, eu e meus irmãos e os irmãos da moça alta que fazia exercícios.

Madrinha Otília, como a chamava não sei se de verdade era minha madrinha. Era irmã de Graciliano Ramos e parentes de minha mãe.

Não sei de que grau. O marido de madrinha Otília era Otto, pessoa muito ocupada não sei se do trabalho ou de política, nunca o víamos em casa.

Só lembro de o ter visto poucas vezes: magrinho, não muito alto, muito elegante, diferente dos meus, no modo de pensar dos meus oito ou nove anos. A esposa era do lar, como minha mãe, viviam dos filhos e dos trabalhos de bordados, pont´ajour, etc. Ela e minha mãe eram como irmãs vizinhas. Em horas de descanso estavam sempre juntas, geralmente nos fundos dos quintais, pois nem ela nem minha mãe, eram de estar sempre uma em casa da outra, só em caso de necessidade. Nossa casa era grande, papai a tinha alugado há pouco tempo, para separar a família do movimento dos tropeiros e dos soldados que paravam no seu estabelecimento em rua paralela.

Era o tempo da guerra Constitucionalista de São Paulo.

Paredes muito brancas, armadores de redes nos cômodos, principalmente sala e sal de jantar.

Por cima de um montão de cal, num encosto de sala, minha rede balançava. E eu, para impulsionar mais ainda o balanço, enfiava os pés dentro do cal. E achava lindo o pó branco que se erguia e enchia a sala.

Que grande, maravilhosa e perigosa loucura de criança! Numa dessas loucuras, madrinha Otília entrou e estupefata gritou:

- Saia já daí!

E mais estupefata, pulei eu dali e corri para o quintal. Dois minutos depois nem lembrava mais do acontecido. Mas ela falou pra mamãe, e eu nunca mais tive rede para balançar enquanto papai não retirou o montão de cal.

Íamos todos juntos à escola, nós e os filhos menores de madrinha Otília. De volta sempre passávamos pela casa dos pais dela, o sr.

Sebastião Ramos e dona... não lembro mais seu nome. Eu dava sempre um jeito de espiar, pela porta da cozinha, o quintal, onde havia em enorme “chiqueiro”, com grandes porcos brancos, que eu tinha muito medo. Nunca desci os degraus para vê-los de perto. Avistava-os só, uma vez tentei chegar mais perto, Fuji, amedrontada com o primeiro ronco. Eram uns dragões, imaginava eu. Subi os degraus como um raio.

Falava se por lá, que tio Sebastião tinha uma burra de dinheiro. Na minha ingenuidade, uma “burra” era a companheira do burro. E eu olhava pela casa, procurando ver aquela burra, que era cheia de dinheiro. Mas nunca vi burra nenhuma. Só enormes moveis, coberto de tecidos bordados, crochês lindíssimos, apetrechos, coisas de enfeites que nada significavam. “Burra”, nada.

Só muitos anos depois vim a saber que uma “burra” a de que falavam era um móvel.

O pai de madrinha Otilia tinha uma descaroçadeira de algodão. Não era distante da casa, mas nós nunca fomos lá. Eu confundo muito os nomes dos filhos do sr. Sebastião Ramos, com os nomes de um parente, tio ou primo de meu pai, que morava na rua que se sobe, depois de passar frente ao “açude”. Em Palmeira dos Índios, minha cidade natal. Nos fundos do terreno da casa, era um grande pomar, cujo alto muro dava para as margens do açude, no lado. No outro lado começava uma pracinha e depois subindo, a empresa de eletricidade. A criançada que se banhava nas águas do açude, olhava por cima do alto muro aquelas fruteiras, loucos para pularem lá. Mas havia cães enormes, ferozes, que rosnavam lá dentro, quando alguns olhavam por cima do muro. Os nomes que verdadeiramente tenho convicção, são dos filhos (não de todos, dos que conheci) do sr. Sebastião Ramos; Madrinha Otilia, Clélia, Graciliano, (que nunca vi).

Conhecia também lá uma senhora Ismênia, e D. Lalá, uma amiga de mamãe, que tinha uma loja de tecidos no comércio. As duas me davam lindos retalhos de tecidos para fazer vestidos para as bonecas. As bonecas que só existiam na imaginação. Filhos do parente de meu pai, não conheci. Só lembro de duas lindas moças Eponina e Estelita ou Carmelita, não sei. Uma casou e foi morar numa casinha linda, frente ao açude, lado esquerdo de quem vem do comércio, passa pelo açude, sobe a rua que vai até o cemitério. A outra também casou e foi morar numa casa também bonita, acima da casa onde eu estava, já mocinha, fazendo tratamento dentário, a casa de José Macedo, primo, por parte de minha mãe. Era perto de estação de trem, e da “Praça das Caçuarinas” . Eu os via sempre, ela e o esposo, quando de manhã, ao sair, ele a beijava. Ao transpor a esquina, olhava para trás, acenava. Ela correspondia, entrava e fechava a porta.

Era o costume dos nossos. Eu achava aquilo lindo. Encantava-me e muitas vezes a cena se repetia na imaginação. Quando me casasse seria assim. Depois do tratamento dentário, vim embora para meu “Cafuxy”. Mas vamos falar dos filhos da irmã de Graciliano Ramos: Alda era magrinha, branca e e linda como uma flor. Eu a espiava numa adoração. Era uma santa como as do altar de N.S. do Amparo, onde eu frequentava com as demais crianças.

Clóvis era um rapazinho e saía cedo de casa não sei se para o trabalho ou estudo.

Sônia ia para a escola. Era quase uma adolescente.

Ivan também.

Sandra, Ivete eu e meu irmão Neto, (Jacinto Neto) íamos todos juntos para outra escola.

Fabio e Plínio eram ainda pequeninos.

Nossa escola era frente a Matriz, abaixo um pouco do lado direito, de quem olha em frente.

D. sinhazinha era nossa professora.

Mulher alta, magrinha, - corajosa e eficiente, vejo hoje ao lembra-la, ensinou-me a “leitura Preparatória”, livro em que as histórias me encantavam; “O Polichinelo”, “mais dez minutos”, “á lagartixa” que o menino jogava da janela para assustar as pessoas e tantas outras. Tinha letras grandes e foi nesse livro que quase aprendi a ler. Digo quase, porque tivemos que sair de Palmeiras dos Índios; nosso avô estava às últimas, meu pai tinha que ir. Quando voltamos, um ano e pouco depois, já nem mais sabia ler direito a “Leitura preparatória”. E foi com muito custo e sacrifício que recomecei. Os filhos de madrinha Otília não estavam mais lá. Logo D.Sinhazinha pediu para minha mãe comprar o “Primeiro livro, de Erasmo Braga”. Porém não se encontrou este e só o 2º livro. Assim, depois da “Leitura preparatória” comecei a titubear no 2º livro de Erasmo Braga. Mas logo, nem mesmo sei como, lia perfeitamente e D. Sinhazinha mandou avisar

mamãe, que não era necessário comprar o 1º livro. Li, assim, o 2º livro do Erasmo Braga. Mas não me lembro nada dele. Lembro e de outro: “Através do Brasil” nem sei de qual autor, pois naquele tempo ninguém, ninguém lá ligava para isso. Só lembro que eram dois irmãos, Carlos e Alfredo, percorrendo o Brasil a procura do pai. Tenho muita lembrança dessa escola. “A escola de D.Sinhazinha”.

Hoje as crianças só gostam de ler quadrinhos. Mas vamos aos filhos de madrinha Otilia. Só os vi naquela época. E nunca mais. Mudamos de Palmeira dos Índios para Arapiraca, a terra do fumo como se dizia e nunca tivemos notícias deles. Se ficaram em Palmeira dos Índios se saíram para outro lugares. Deles só me ficou os nomes. Nomes tão bonitos, que tantos anos depois, dá-me ainda gosto de pronunciá-los: Alda, Clóvis, Sonia, Ivan, Sandra, Ivete, Fábio e Plínio. Nomes deveras bonitos!

Outubro de 2007.

Fim

“A orquestra de Grilos”

Eram apenas quatro. Quatro olhinhos esbugalhados fixos, mirados atentamente na pessoa que lhes falava.

Falava-lhes de uma orquestra. E nem percebia os efeitos que suas palavras iam produzindo nos dois meninos. A pessoa estava costurando. A maquina de costura, era seu instrumento de trabalho. E não podia deixar as crianças saírem, pois a rua era cheia e o transito perigoso.

Brincavam, pois, na sala: Jogos de botões, correria pela casa, pelo quintal, um entra e sai de dar arrepios.

- Eu já te pego, Diga. Vou te pegar, falava o menor, não podendo alcançar o maiorzinho.

Alcançavam-se, sei lá como, riam e recomeçavam. Até que desistiam. Iam pois a mãe.

- Mamãe, conte uma história. Uma história bem bonita. A vovó está fazendo comida e não quer contar história.

- Pois é, fala a mãe. Ou ela faz comida pra nós ou conta história. O que não pode é fazer as duas coisas juntas. O que vocês preferem?

Um olha para o outro e ambos para a mãe. E não dizem nada.

- Está bem, fala por fim a mamãe. Eu conto a história. E começa. Mas o barulho da máquina e o cuidado da costura não permitem um desenrolar perfeito da história, muitas vezes inventadas naquele momento, pois eram tantas as que já lhes havia contado, que o repertório se havia esgotado. A mãe tinha que por fim, parar a costura e atinar para o invento. Assim pois, eram muitas as histórias que inventava. Muitas incoerentes, sem pé nem cabeça, que aqui e ali tinha que remendar, pois as crianças questionavam. Assim ou trabalhava ou prestava atenção no que falava. Surgiam as mais esdrúxulas histórias que muitas vezes as crianças riam a valer. Era simplesmente uma emergência. E lá se ia muitas loucuras, ingênuas e precipitada, muita deformidade

incompreensível, muita urdidura incapaz de possibilitação. Tais eram a história que a mãe inventava, pois era preciso satisfazer as crianças. Felizes elas voltavam as suas atividades habituais e ela dava continuidade a sua costura.

- Os quatros olhinhos fixos, esperando a história. Jesus!, gritava o pensamento da mãe, que faço eu? E ai vinha outra historia, cada vez mais estapafúrdia.

- Era uma vez uma porquinha que comeu um veado. - Como mamãe? E os galhos da cabeça do veado?

- Não sei como. Ela deve ter sofrido muito para engolir tudo aquilo.

- Ma ela não engoliu. Falou o mais velho. Ela esperou que eles se desatassem da cabeça e então mastigou a carne.

- Sim. Foi isso. Deve ter sido isso. E a história continuou. Até que a avó deles, tendo preparado a refeição, os veio chamar.

A mãe então volta ao trabalho, não antes de ter dado um final a história.

Um dia a mãe ouviu pelo rádio, que determinada instituição estava concedendo bolsa de estudo a quem não pudesse pagar. Inscreveu os dois meninos. O mais novo ganhou a bolsa. E agora? Não fôra os dois e ainda o menorzinho. Foi saber se era possível das ao outro também, pois não podia ir sozinho. Não podia. O que podia era em vez do menor, dar-se a bolsa ao mais velho. E assim foi feito. Um ano só. E a criança, o maiorzinho, aprendeu a tocar. Não se sabe como, mas aprendeu. Fez até um conjunto musical e com ele foi a televisão. Ganhou o primeiro lugar e prêmio um “violão”, que nunca quis ir buscar. Ele tocava órgão, pois tinha, com a bolsa aprendido piano.

Não era muito afeito à música. “A mãe nunca se perdoou por ter feito aquilo”. Quem deveria ter feito a “bolsa” era o

pequeno, o filho menor, que depois se revelou com muito pendor para a música. O mais velho gostava mesmo era das “letras”, concentração na leitura. O menor devia ter “puxado” ao pai, que havia sido músico.

Mas vamos a nossa orquestra. Os pequenos sabiam-na sua idade-o que era uma orquestra. Mais de uma vez o pai lhes falara dela havia muitos instrumentos, uns grandes, outros pequenos, mas todos igualmente indispensáveis. Faziam um conjunto só, uma só voz em conjunto, onde cada instrumento era percebido, mas tal consonância, numa unidade tão perfeita e numa expansão tão uniforme que parecia um “som” apenas. Era a harmonia. Aquele som muitos sons, cujos timbres tão diversos, fazia o encanto de toda a melodia.

Mas, os pequenos não conheciam aquilo. Depois da refeição as crianças sossegavam um pouco. A avó as entretinha, sei lá com que, elas deixavam um pouco sua mãe costurar.

Mas logo depois estavam no assoalho da sala com seu jogo de botões. Não incomodavam. Apenas um ou outro gritinho quando acertavam gols nos seus botões.

A avó teve que ir rever uns parentes e não mais voltou. As crianças rodeavam, de vez, a maquina de costura.

- Conta outra história, mamãe.

- Valha-nos Deus! Que historia lhes vou contar, se tudo que havia lá dentro, já lhes contei? E voltava as invenções. Errando nas costuras, acertando nas invenções. Acertando nas costuras e desconcertando as invenções.

Terríveis momentos! Muitas vezes só os percebia, quando os olhinhos arregalados explodiam: - Mas não pode. Como é que...

E lá vinham os disparastes das invenções.

Largava a costura. Ia concertar a história. E desses descolamentos, desses transferimentos repentinos, surgiu a “orquestra”.

“uma orquestra de grilos”. Os olhinhos se arregalaram ainda mais. O menor perguntou logo: - Quantos músicos tinham?

E aí? A mãe pouco sabia de músicas, de orquestra. Mas respondeu firme:

- Muitos. Tinham muitos músicos. E todos bem ensaiadinhos. O primeiro com seu instrumentão, a tuba.

- E o que é a tuba? A mãe desta vez percebeu a enrascada, em que entrara; também ela não sabia o que era a tuba. Veio-lhe de repente:

- A tuba é um instrumento de som muito forte. - Já sei. Um tubarão! O mais velho olhou o pequeno e sorriu.

- Não. O tubarão é muito grande. E mesmo que quisesse não poderia tocar com os grilos, porque vive nas águas.

- É, respondeu muito séria a mãe. A tuba é uma espécie de trompa. Uma trombeta de curva, com uma boca redonda, bem grande.

- E quem foi tocar a tuba? A vovó falou que os anjos tocam trombetas.
- Tocam. Mas a tuba só se parece com a trombeta. Foi tocar a tuba maior dos grilos, o “grilão” e o pai dele avisou:
- Cuidado no compasso. É você quem marca. O grilo pegou o instrumento. Mas era tão grande. Mesmo assim arrumou-o em frente, soprou nele, esperou o comando. Aproximaram-se os demais instrumentistas, os de sopro, os de corda, as flautas, os de percussão. Houve a afinação entre todos eles, começou a execução: gritos finos, agudos, a tuba mandando no compasso que às vezes era incerto, outras vezes desastrado, uma gritaria infernal. Para eles uma felicidade só. A gritaria derramava-se de contentamento.
- Muito bom. Muito bom, falou o comandante. Vamos descansar um pouquinho, tomar um chimarrãozinho.

Voltamos já. E desabaram cada qual para seu lado.

A dona da casa onde estava a companhia orquestral ensaiando, pois era tempo de festas, tudo tinha que estar bem limpo, o Natal estava chegando. E chegando também estavam os grilos de volta para a orquestra.

Começou o trabalho. A mulher na faxina, os grilos no ensaio. Bate pano ali, bate vassoura dali, uma danação. De repente a mulher parou: - que diabo de gritaria fina é essa? E deu com o montão de grilos.

- Ah, são vocês? Esperem já, para ver o que faço, seu magote de desocupados. Vocês não têm fome? São como cigarras? Esperem só para ver.

E foi buscar um spray de veneno de inseto e detonou sobre eles.

- Ai, coitadinhos! Nem puderam ensaiar, falaram os meninos. E um disse:

- Se ela soubesse o quanto custa ensaiar uma orquestra! O papai falou.

A mãe os olhou e sorriu.

- Pois é. Mas agora vamos para nossa orquestra de “pratos” na cozinha.

Abraçou-os e saiu com eles para fazer o almoço.

Fim

“Aldisse”

Al era uma capotinha linda. Linda como poucas, inteligente como poucas, tagarela com poucas. Sua dona a chamou de Aldisse, porque ela, a capotinha, estava sempre a dizer: “Tou fraca” “tou fraca”. Que significava quero comer. Preciso comer. Estou botando ovos todos os dias. Sui dona falava:

- Já disse, já ouvi, Al. Mas ela nem queria saber e continuava.

- “Tou fraca”. Quero milho, quero comer.

Sua dona deixava tudo o que estivesse fazendo e ia satisfazer a capotinha. Era bonito ver como ela a seguia, comportando-se de forma consciente que seria atendida, de que sua dona ia realmente dar-lhe comida. E ficava bem quieta, à espera, enquanto sua dona tirava, do arame, estendido na cobertura dos fundos, a espiga de milho, descascava e a debulhava para a capotinha. Ela bicava e engolia um a um os grãos. Era assim Aldisse.

Havia dito o que queria, fôra atendida. Satisfeita agora voltava para seu mundo de galinha d'angola. "capote" é como estas aves são chamadas em alguns lugares do nordeste. D.Ângela morava naquele sitio há alguns anos. Gostava dali. Fôra criada em sitio, sua família havia sido proprietária de terras e ela sentia-se muito feliz naquele ambiente de verde, de flores, de animais e aves. O sitio havia sido adquirido por necessidade. Seu marido fôra aconselhado pelos médicos a viver num ambiente mais tranqüilo, menos poluído. E ali estavam eles, com todas as dificuldades do mundo, sozinhos, cuidando de tudo, pomar, horta, vacas, cavalos, porcos, aves, inclusive galinhas d'angola. Não sabiam como mexer em nada daquilo. Ele talvez nunca houvera visto um sitio, uma fazenda. Ela adorava tudo, por lembrança de onde tivera a adolescência e fazia tudo de acordo com o que vira seus avós e tios fazerem. Ali era um céu.

Enfrentava trabalhos, lutas, sujeiras, desconfortos, pois a casa era imprestável e seu mobiliário alguns, pois antigo morador levara tudo. Luz havia, pelo menos, muito embora passando a instalação por entre piquetes de gado que se coçavam nos postes e os derrubavam, pois eram velhos e corroídos pelo chão, onde haviam sido pregados. Era uma luta desigual. Ela corria para um lado, as coisas desabavam pelo outro. Só ela e o marido. Os filhos se haviam casado. Mas a saúde dele era necessária.

Entretanto ele não dava a menor “bola” para isso. Os dias passava-os todos no “bar”, tomando uns tragos com amigos. Justamente o que os médicos queriam evitar.

Dois e meio anos se passaram. A doença voltou. Ele ficou triste, desiludido, acabrunhado. Não adiantava os conselhos dos amigos. “Isto não é nada, seu Rodrigues, o sr. Vai se recuperar, vai ficar bom de novo”.

- Sei não. Estou com pouca esperança.
E veio fazer uns exames na cidade. E não voltou.
D. Ângela, sequer pode ver o esposo morto, pois o caseiro, que havia arrumado estava de passagem comprada para o Norte, naquele dia e ninguém o demoveu de viajar. E D.Ângela não encontrou ninguém que olhasse os “bichos”, vaca, boi, cavalos, porco, patos, galinhas, coelhos, inclusive os “capotes”, as galinhas d’angola.

E lá se ficou ela olhando por tudo, principalmente pelos três cachorros. Não morava ninguém por perto.

O tempo correrá. Não o sentira. Com seu pequeno provento de substituta, aposentadoria por invalidez, ainda assim tinha que estar “válida”, fazer tudo. Corria desde as 6 da manhã às 6 da tarde, sem sequer poder chorar, pois o trabalho o não permitia. Assim se foi o tempo. Quando deu por si, estava sozinha,

Tinham-lhe roubado tudo. Fôra só o marido falecer começou o desaparecimento. Até os peixes do lago, que lhe era de muita alegria, quando a tardinha, tomava do anzol e seu gatinho a acompanhava, pelo peixinho que o anzol, na puxada, caia longe e d. Ângela não chegava para salva-lo, antes do bichano. Havia muito peixe. As primeiras 98 carpas (eram 100, mas morreram duas) colocadas. Reproduziram-se inacreditavelmente. Talvez pelos muitos cuidados que d.Ângela as dedicava. Bacias de cascas de frutas, verduras, laranjas caídas e goiabas, abacates e chuchu, eram lançadas para elas quase todos os dias. D. Ângela não teve pois, tempo de chorar o marido. As lágrimas só lhe vinham á mesa. Ao levar a improvisada refeição á boca, lembrava-se do macarrão de Domingo, do qual ele gostava tanto. No sábado, vindo do bar, trazia o lombo de porco, ou pedaço de carne fresca de boi ou vaca que o dono do bar tinha abatido e falava:

“Para o macarrão de amanhã”. E D. Ângela recebia satisfeita, às vezes estando mesmo aborrecida de tanto ele ficar no bar.

E o tempo foi correndo. D. Ângela foi aprendendo a viver só. Vivendo para o que restou. Comprou outra vaquinha, um casal de galinha d’angola. E juntou-o a algumas galinhas que ainda ficaram. E seus cachorros e seus gatinhos. Dentre os cachorros destacava-se o “fiel” que lhe era realmente fiel, mas que lhe derrubava, as vezes, com seu grande tamanho, querendo por as patas dianteiras nos seus ombros.

Conversava com as flores, com as fruteiras e até com as abelhas, que por incrível que pareça, a acompanhavam, conforme a laranjeira que molhasse. As laranjeiras estavam todas floridas. Mas quando D. Ângela mudava de uma para a outra, por já ter molhado aquela – as abelhas que havia na primeira, iam todas para aquela em que

D. Ângela molhava. Será que fosse pela água? Era só mudar o rumo da mangueira d'água para outra laranjeira e lá vinham elas todas para aquela. D. Ângela não tinha medo das abelhas. Nem sabia ela, coitada, que aquelas não eram como as abelhas da casa de seus avós os "Uruçus" que não possuíam "ferrão" e portanto não ofereciam perigo. E dona Ângela falava com as abelhas:

- vieram também? Vocês acham que estas flores são mais cheirosas que as da outra? Têm melhor néctar que as da outra? E elas faziam um zumbido enorme entre o esguicho de água da mangueira de borracha e a copa da laranjeira branquinha de flores.

- Vamos ver. E dona Ângela voltava para a laranjeira anterior. Começava a molha-la, mesmo já tendo sido molhada. E logo as abelhas estavam de volta.

- Ah, vocês voltaram? Então deve ser mesmo o néctar desta que é melhor.

Mas depois ficou pensando: Deve ser é pela água que cai como chuva sobre as folhas e flores da laranjeira. Elas gostam de tomar banho de chuva.

E dali, passava, com a mangueira sempre a esguichar água, por todas as demais laranjeiras.

E as abelhas acompanhando. E d. Ângela:

- Tá bom. Vocês querem mesmo é tomar banho.

E até se divertia jogando o esguicho por sobre todas elas.

- Tomem seu banho! Está muito quente mesmo.

Às vezes lembrava da hora: Cristo! Deve ser quase meio dia, tenho que preparar a comida.

Mas aí, lembrava: Ah, Rodrigues não está mais aqui, para almoçar. E se deixava ficar. Quando terminava ainda se despedia das abelhas.

- Tchau, amigas. Fiquem comendo que eu vou preparar também meu alimento. E mal sabia que aquelas eram abelhas “Europa”,

que possuíam grandes “ferrões” e podiam até matar. Quando soube, ficou temerosa, mas não deixou de molhar as laranjeiras e nem de falar com as abelhas. O casal de galinhas d’angola que havia comprado começou a botar ovinhos vermelhos pintadinhos de branco. Bota bem cedinho no roiceiro das galinhas onde dormiam. Depois começaram a voar por cima das cercas e costumavam fugir. Cantavam de dar gosto: “Tou fraco”, “tou fraco”, o tempo todo. De manhã sobre os telhados das casas todas, era o estalar dos “fracos”, “fracos” que d. Ângela adorava ouvir. Acordava com eles. Talvez estivessem a acorda-la para dar-lhes comida. E pensava: vai quebrar as telhas. Vai haver goteiras nas casas. Mas não quebrava nenhuma.

Tempos depois a pestinha começou novamente botar. Fez ninho no meio do capim, no terreno da casa vizinha. O casal não vinha mais correr junto as galinhas, vinha ele sozinho. Ela ficava

no ninho. E, vez em quando, em meio dos seus afazeres, lá vinha ela, “se disse”: Tou fraca, tou fraca”.

- Porque não veio cedo comer?

- Tou fraca, tou fraca”, era o que sabia dizer. -

Pois espere. Agora estou ocupada.

- Tou fraca”

- Espere um pouquinho! Você já disse.

Ela parecia compreender. Mas se o “pouquinho! Demorasse, ela gritava forte”:

- “Tou fraca, tou fraca”.

D. Ângela tinha pois que deixar tudo e satisfazer-lhe. Ela a acompanhava, caladinha, aonde quer que D. Ângela entrasse. As vezes, para testa-la, D. Ângela, entrava em outro cômodo da casa, ela ia atrás. Voltava pro mesmo lugar, ela seguindo. Por fim, d. Ângela bem contente, ia à cobertura dos fundos satisfazer Aldisse. E era um deleite vê-la esperar bem quietinha, d. Ângela descascar a espiga e debulhar para ela. Olhos fixos,

cabecinha empinada, em silêncio agora. Se D. Ângela não jogasse os grãos de milho naquele lugar, pois era cimentado e duro para o bico da capotinha, ela a seguia, toda faceira, ciente de que ia comer. No quintal, um a um bicava os grãos. Depois, satisfeita, deixava os demais e saía toda contente para sua montanha de ovos, sempre muito escondida. Seu companheiro a esperava, e juntos despistavam toda e qualquer possibilidade de se encontrar o ninho. D. Ângela, contou isso varias vezes seu resultado. Coisinhas inteligentes, falava. d. Ângela esperava ansiosa pelos filhotinhos de Al. Ia criá-los num viveiro que havia feito, pois lhe disseram que com as mães, poucos se criavam. Só os mais fortes. Os mais fracos, os que nasciam por ultimo, ficavam pelo caminho, no andar rápido como as mães. Por isso o dizer do povo: que elas querem só os mais fortes. Criariam-se bem,

melhor fossem chocados por galinhas ou em viveiros. Dias passaram-se D. Ângela dizia. Logo os filhotes de Al. Estão por aí.

Não poderia faltar nada aos pequeninos. E olhava o viveiro. Aldisse ficaria junto deles se quisesse. Entraria e sairia, mas os pequenos haviam de ficar. E muita semente de capim “braquiara”, haviam de comer, além da ração. Um dia D.Ângela teve que ir `a cidade receber a pensão que o marido lhe deixara. Não adiantaria sair cedo, pois o Banco só abriria ao meio dia. Tomou, pois seu ônibus às onze horas. Depois, tomaria um outro. E a fila no banco era bem grande.

- Bem podia dar lugar para a gente idosa, primeiro, ouvia d. Ângela dizer, uns e outros na fila.

- Que nada! Eles se importam lá com isso? E o tempo se ia. Quando d. Ângela voltava, era quase noite. Mal dava tempo de dar comida aos animais

Um dia d. Ângela chegou já mais tarde do que o habitual. Não houvera ônibus. Do pouco que houvera recebido, tinha tirado ainda para pagar o táxi, para poder chegar. Muito cansada ela fez pouca refeição, ouvido o noticiário pelo rádio e nem ligou a televisão para sua novela.

Adormeceu. Acordou bem cedinho. O pensamento foi para Aldisse: terão já nascido os filhotinhos? Levantou-se. Foi fazer café. Depois abriu a porta dos fundos: Aldisse. Será que já nasceram? Dali não dava para ver o terreno da vizinha, onde estava a capotinha esperando seus filhotinhos, nos lindos ovinhos avermelhados, pintadinhos de branco. A vizinha que não morava lá, mas que ia, regularmente, passar alguns dias tinha observado o capim do terreno muito grande e contratara um conhecido tratorista para passar no terreno. E o moço viera. Justo na tarde em que D. Ângela saíra. Quando, mais tarde, olhou para o capinzal onde Aldisse esperava seus filhos,

viu, com horror, o terreno arado. Limpo e brilhante as poucas folhas do capim retinindo ao sol.

- Jesus! Aldisse!?

- Nem o barulho terrível do trator, havia feito a capotinha sair do seu ninho. Abandonar sua ninhada de ovos para nascer. O trator passou por cima de Aldisse e seus filhotinhos.

Fim

“A moeda”

O menino encontrara a moeda na gaveta. Cinco, dois, dez tostões, não sabia quanto. A mãe estava no gabinete do pai. Sentia uma fome enorme. O almoço ainda estava longe. Um cheiro de doces emanava da casa vizinha. Seu Raimundo estava fazendo cocadas.

Alisou a moeda, escorregando-a por entre os dedos. Postou-a na palma da mão. Ia e vinha pelo corredor a espera da mãe. D. Elminda era brava, não se atrevia a chamá-la. Lembrou-se que num outro dia, um gesto semelhante custara-lhe duas horas sem merendas, num quarto escuro, trancafiado. Como era pavoroso, aquele quarto! Até de pensar tremia. Encostara-se à parede diminuindo, com a vontade de desaparecer dentro dela. O chão frio, tudo vago, silencio e escuridão. Apenas uns velhos baús, contendo velhos trastes, lhe faziam companhia, algumas vezes

assombrando-o ainda mais. Aqueles dois belos uniformes, pregados no chão, cheios de olhos que nem se podia contar, desenhavam-se dois bichos agachados, prontos a dar-lhe o bote, devora-lo. Dois lobisomens, iguais aos que Seu Raimundo lhe falara um outro dia. Gostava de Seu Raimundo. Ele sempre lhe dava cocadas, gostosas, quentinhas ainda. Mesmo que não levasse dinheiro, sempre comia das cocadas. Boas mesmo, eram as que ficavam no tacho. Um pó fino, açucarado, bolinhos de todo tamanho. E não era vendido. Seu Raimundo punha numa cúia e se lhe acontecesse chegar lá àquela hora, era dele a cúia. Seu Raimundo entregava-lhe, com um daqueles sorrisos que as crianças guardam, conserva-os para sempre, quando crescem. Sentava-se a um canto, quase sempre sobre um cêpo de pilão emborcado. Devorava ali o petisco, saboreando-o à vagar, demorando o mais que possível.

Lá nunca entrava criança alguma, só ele. Se isto não fosse, comeria de uma vez, a guloseima, temendo reparti-la com algum intrumetido que aparecesse sem ser desejado. Mas isto nunca havia acontecido e não aconteceria jamais. Seu Raimundo tinha fama de doente dos pulmões e as crianças e mesmo gente grande de lá, nunca iam. Fugiam de sua casa. Que doença seria essa? De mentira, por certo. Nuca vira Seu Raimundo deitado. Sempre a beira do fogão, fazendo cocadas. Cocadas que iam ser vendidas longe, para lá da Estação de trem. D. Clarinha, esposa de Seu Raimundo saía toda tarde, de casa, com um cesto cheio delas, coberto com uma toalhinha muito alva, feita de pano de saco. Viviam disso. Muito calada, a pobre velha passava as manhãs em casa, a lavar e cozinhar e as tardes a vender seus doces. Não saíam nunca. Parentes, nunca os tinha visto lá. Só ele quebrava a rotina, quando lá ia.

Sua mãe não brigava. Não brigava porque não sabia.

- Sua mãe não briga por que você vem aqui?

- Mamãe? Não. Ela não briga.

E como já disse, como haveria de brigar, proibir o menino, pois se nunca soubera que o menino ia lá?

Jamais soubera que o filho saía de casa. Sua palavra era uma só: Ninguém sai. E ficava descansada.

Ninguém sairia. Ele, Zezinho, era o mais pequeno dos três. Tinha seis anos. Os demais iam a escola. Durante essas horas, podia dar uma fugida para o vizinho, pulando o muro do quintal. Ninguém poderia adivinhar como. Havia uma goiabeira de Seu Raimundo que se entrançava com uma mangueira de seu quintal. Subia por uma, descia por outra. As demais fruteiras em derredor, impediam que se fosse visto de sua casa. Mesmo que não houvesse, daria no mesmo. Sua mãe trancava-se, no

gabinete do pai durante todo o tempo em que as crianças estavam na escola e não queria ser interrompida. Ai de quem lá fosse. Recebia uma torrente de implicações, se fosse grandes, crianças então ?!. a empregada, julgando o assunto muito importante, resolvera, por duas vezes, chamá-la. Arrependeu-se pela vida toda.

- Dou-lhe a conta, com ordenado pela metade, na terceira vez que me vier interromper.

O que seria de tão importante, sua mãe fazia lá? Não tardou a conhecer. Escondeu-se no compartimento vizinho. Sempre que seus irmãos chegavam da escola, sua mãe largava abruptamente o gabinete e ia recebe-los, tomar-lhes os livros, guardar tudo, servir-lhes o almoço.

Zeinho tinha que esperar, mesmo que “morresse” de fome.

- Tudo bem? Que lição deu hoje a professora? Os irmãos respondiam, porem sempre com o cuidado de nunca falar com a boca cheia.

Comiam e iam para o quintal. D. Elminda esperava o esposo só almoçava com ele. O Zezinho, já devia ter almoçado há muito.

Ali, só a empregada não passava fome.

Beliscava e comia muito mais antes, que depois dos outros. Bem entendido muito escondido, pois mamãe fazia questão de tudo certo, cada coisa nos seus eixos. A tarde ensinava as lições. Banhava-nos, trocava-nos. Brincávamos na calçada da rua, sob sua vista, detardezinha.

Desde que pensou conhecer em que se ocupava sua mãe na ausência do pai e dos irmãos, afastou-se um pouco mais da casa de Seu Raimundo.

E naquele dia quando decidiu entrar no gabinete, faltava muito para que seus irmãos chegassem.

Sua mãe havia saído. E se voltasse? E se entrasse? O levaria para o quarto escuro?.

Deteve-se. Esperou calmo a principio, impaciente depois. Entrou.

Estava certo de que sua mãe confeccionava uma boneca enorme, como a que Luiza, sua irmã, desejava possuir, dias passados. Sim era isto. Sua mãe estava a fabricar uma boneca para Luiza. Custava muito caro a que ela vira e papai não quis comprar. Então mamãe resolveu fazer uma. Daquele tamanho. Luiza ia fazer anos logo. Era, por certo, para aquele dia. E devia ser muito grande mesmo, bonita como todas as bonecas, teria cabelos loiros... Sua irmã também tinha cabelos loiros. Entraria, vê-la-ia, ninguém saberia. A ninguém ia contar. Não? E Seu Raimundo? Contaria a Seu Raimundo. Para ele contava tudo. Ele era bom, dava-lhe cocadas, nunca tinha dito a D. Erminda sobre suas idas a casa dele. Desde o primeiro dia, gostara de Seu Raimundo. Vivia sozinho, aborrecido, nem parecia ter tanto doce em sua casa. Ele sim, era sozinho, os irmãos nunca tinham tempo para ele, a criada só lhe prestava atenção em frente da patroa. Quando a mãe se trancava, olhava-lhe aborrecida.

- Suma no quintal! Só apareça quando os outros voltarem da escola!

D. Elminda, decerto não suspeitava da atitude da subordinada. Julgava o menino com inteira liberdade pela casa. Mas Zezinho tinha apenas seis anos e sem os irmãos e a mãe, amolava a empregada com perguntas, pedidos e traquinagens. Quando D. Elmida a enxotou do gabinete, a empregada, por sua vez, enxotou o menino da cozinha. Rolando, sem graça, largava-se no quintal. Subia nas poucas árvores, balançava-se nos trapézios de corda, armado por seu pai...

Mas sozinho logo se cansava de tudo. Foi assim que teve a idéia de passar para o quintal de Seu Raimundo. Tentou, conseguiu. Tudo deserto. Examinou direitinho tudo que havia ali, deu umas voltas, retornou. Dia seguinte, mesma coisa. Mas um dia... Um dia teve a audácia de chegar à porta dos fundos. A velhinha muito ocupada não o vira.

Um cheiro de doces enchia-lhe a boca de sabor. Aventurou-se.

- A senhora me dá um doce? Está cheirando tanto!

- Olha, Raimundo, o pequeno da vizinha. Entre, meu filho, entre. O doce sai já.

Fôra desse dia o sorriso com que Seu Raimundo conquistou o menino. Nunca lhe contara como passava para sua casa, mas o velho decerto já o sabia, porque aquele sorriso lhe dizia.

Pensando em tanta coisa, se foi a tempo e as crianças voltaram da escola. D. Elminda havia naquele momento chegado e foi recebê-los.

Deixou o compartimento, a porta entreaberta. Zezinho entrou.

Onde esta a boneca? Havia só papéis e mais papéis escritos sobre a mesa. Olhou em volta, debaixo da mesa, no armário, nada. Voava como um gato enxotado para fora dali. Sua mãe o chamava.

Desde então nunca mais havia se preocupado com o trabalho de sua mãe. Voava, mas era para a casa de seu Raimundo. E agora achara aquela moeda. Tantas vezes desejava pedir dinheiro para comprar cocadas de Seu Raimundo. Nunca fizera. E há muito tempo comia cocadas sem pagar. Era justo, levar-lhe agora, a moeda. Não devia valer muito. Mas era dinheiro, pagamento por tantas cocadas. Nisto bateram à porta.

- Uma esmola. Uma esmola para o ceguinho. Zezinho correu até lá. Não se lembrou mais do Seu Raimundo e deu a moeda ao ceguinho. Coitado, não via nada. Seu Raimundo enxergava. Via tudo. Mamãe não brigaria. Ela mesma dava esmolos. E aquele ceguinho parecia estar com fome.

- Tome. É uma moeda. Você está com fome, não está? Compre cocada e coma. É bem aí, nessa primeira porta do lado. Ele está fazendo. São tão gostosas! Daqui eu estou sentindo o

cheiro delas.

O ceguinho agradeceu e se estava ou não com fome, veio-lhe a vontade de provar as cocadas. Bateu na porta do Seu Raimundo, que olhou pela janela e veio com a esmola.

- Quero comprar uma cocada com esta moeda. Um menino deu-me, na ultima porta. Me disse que o senhor vende cocadas gostosas.

- Sim, sim. Mas ainda estão meio quentes.

- Não faz mal. Traga-me uma.

O velho levou-lhe a cocada e recebeu a moeda. Um sustão lhe franziu a testa ao olhar a moeda. Parecia se de “bom ouro”. Guardou-a. Nesse dia Zezinho não apareceu. Nem no outro. A noite Seu Raimundo ouviu falar alto na casa do menino. Foi ao quintal e escutou. Não compreendeu nada. Mas suspeitou fosse pela moeda. No dia seguinte e no terceiro, também o menino não apareceu. Seu Raimundo preocupou-se. Foi até a porta de D. Elminda. Bateu. A empregada, abriu a porta.

- Desejava falar com a senhora da casa.
- Ela não atende ninguém.
- Com não? Preciso falar-lhe, é importante. - Não agora. À tarde ela atenderá.

O velho resignou-se. Esperaria pela tarde. E a tarde veio, custosa, difícil.

- Que deseja o sr?
- Falar com a sra.
- Pois não!
- É a respeito do menino.
- Do menino? Que menino?
- Do seu menino.
- Qual dos dois?
- Não sei. O menino, Zezinho.
- Que lhe fez ele, senhor? Roubou-lhe alguma coisa?
- Jesus! Porque esta pergunta, senhora? Venho tentar ajudar o menino.
- Mas então o sr. Sabe...
- Que há dois ou três dias um ceguinho me comprou uma cocada por uma moeda de ouro.

Disse que o menino lhe tinha dado, na casa vizinha. Desde então não vi mais seu menino balançando no quintal.

- Oh!

- Aqui está a moeda, senhora. Só lhe peço que me deixe ver seu menino. Acostumei-me a vê-lo de meu quintal. A senhora sabe. Sou velho e só. Nunca tive filhos. Gosto das crianças. Adoro-as de longe.

- Vou buscar o menino para lhe agradecer. O senhor o livra de um mês, no quarto escuro.

- Deus do céu! Como fazer isto a uma criança? Uma criança, que é o ser mais sublime da terra?

- Sem deixar de fazer o que ele fez. Mas, venha comigo, senhor!

Seu Raimundo seguiu-a. D. Elmira parou no porão, à porta de um compartimento interior. O velho tinha os olhos cheios de lágrimas de espanto. Já antes de lá chegar-se, fizera - se

escuro. Ao torcer a chave na porta, um enorme grito seguido de um baque, ouviu-se de dentro do escuro quarto. Acenderam-se, às pressas, a luz e viram o pobre Zezinho estendido no chão. Voltou a si nos braços do velho, mas faleceu no dia seguinte.

Fim

“O mar”

Rosa tinha vontade de ver o mar. Como o imaginava belo, maravilhoso. Um sonho cobiçado e nunca realizado. Ouvira, um velho amigo de seu pai falar dele. E desde então não mais esquecera.

Rosa era uma pequena muito querida. seu pai a adorava e ela estava sempre a seu lado em toda parte.

Viviam numa região super povoada, de sol causticante, a torrar as plantações. Ali não se falava de mar. Este era “ilustre desconhecido”. E rosa não esquecera a entonação, a descrição, a empolgação de como falou do mar. E o adivinhava belo, fascinante, as ondas leves como o abraço de ternura do seu pai. Devia ter um frescor cativante donde se desprendessem aromas deliciosamente embriagadores. Esse seria o mar. Jamais o avistara sequer. Não imaginava nem grande nem pequeno, era o mar. E aí pensava no

açude, que conhecia, quando iam à missa, nos domingos. Passeavam pela frente do açude.

Balaustrada de um lado a outro.

- Seria assim o mar? Perguntava-se.

Nos olhos da criança, aquele era um mar. Rosa ainda lia mal, tinha apenas seis ou sete anos.

Mas devorava os poucos livros que em sua casa havia, que as madrinhas lhe cediam, a procura do mar. Era uma busca constante e nunca satisfeita. Nenhum daqueles parágrafos lhe punha de encontro ao mar. Nem palavras, nem figuras. E então vinha as perguntas.

- Mamãe, a senhora já viu o mar?

- Não, minha filha. Sua mãe nunca viu. Dizem que é bonito e não tem fim.

- Não tem fim?

- Sim. Dizem que é tão fundo que não se conhece o leito.

- Ah!... Deve ser uma maravilha. Eu queria conhecer o mar.

- Hás de conhecer, quando cresceres.

la a escola. De volta, dobrava a rua, afastando-se do caminho de casa. Ia ver o açude. Atravessava uma pequena praça ao lado dele, olhava-o, algumas vezes descia alguns degraus duma escada de cimento, que chegava até a água. Mas não ia até, os últimos. Tinha medo. Voltava. Atravessava então em frente dele. Era ali, diziam, a parte mais profunda do açude. Havia uma baulastrada, como falavam; de um e outro lado, como se fôra uma ponte. Mas de fato, era o aterro que prendiam as águas, vinda das nascentes da serra, formando o açude. Havia também, do lado das águas, isto é do açude, na baulastrada, um espaço vago, não sei para que, com uma saliência de aumento para a águas. E nela uma torcidura de ferro, com um prolongamento que nelas chegassem. Aquilo era um perigo, diziam; mas continuava lá. Rosa lá entrava, e segurava naquele ferro,

sentava-se e, dobrava a perna esquerda, com a direita, balançava o pé na água. Os livros, dobrados ficavam ao lado. Absorta ficava ali. Olhava o movimentar sereno das águas mortas, que o vento levava ondulante. Fazia comparação ao mar, esquecia-se de si.

- Será assim?

Depois de um tempo, levantava-se, tomava os livros, ia para casa. Ia afogar-se, certamente, qualquer dia, se um “Senhor Magríssimo”, surgido não se sabe de onde, não tivesse proibido Rosa de voltar ali.

- Nunca mais venha aqui. Entendeu? Nunca mais. Rosa obedeceu nunca mais entrou ali. Uma vez ainda teve vontade de ir lá. Passava agora, sempre pelo outro lado da baulastrada. Mas ao olhar de longe, lá estava o “Sr. Magríssimo”, parado lá. Retrocedeu e nunca mais perto de lá chegou.

O mar... e toda água sempre tocaram, de perto, a sensibilidade da menina. Talvez de tanto

contemplá-las, ficassem amigas, pois a simples vista de qualquer água, sua alma falasse sem se conter.

Sua mãe predissera.

- Hás de conhecer o mar. Quando cresceres. E rosa cresceu. E foi conhecer o mar. E sem esperar. Cresceu, casou e com os filhos veio a conhecer o mar. Repentinamente. Um passeio. Uma visita. E lá estava Rosa em um navio. Amedrontada, conheceu sua grandiosidade. Viu-o emocionada. As fortes ondas turbilhonarem à frente do navio, erguendo-se, dobrando-se, não como abraços leves, como imaginara, mas como força avassaladora, arrojando-se de vez, engolindo no seio belo e terrível, tudo que não fosse um navio! Pôde gravar bem suas cores modificarem-se, desde o verde, quase garrafa ao azul mais profundo. Pode sentir-lhe os efeitos debaixo de um céu anilado, outras vezes em torvo, peixes, raros, momentaneamente flutuar sobre as águas,

pássaros, acima delas. Sentir-lhe o frescor convidativo e o aroma puro e rejuvenescedor num horizonte a circundar a terra não vista! As bordas da abobada celeste, ora límpida, ora cintilante de estrelas? Que é o mar?!

Talvez por um capricho teimoso do destino, não pode ela responder tais perguntas. Ver o mar, ela viu. Conhece-lo, conhece-lo jamais. Esteve ao mar. Esteve no mar. Rosa porem não conheceu a face do mar, a praia.

Viu-lhe o interior, não a pele. Só de longe contemplou as brancas espumas moverem-se como lençóis caminhantes reproduzindo-se em desiguais quantidades, indo morrer na areia, expandindo-se todas, num beijo, preguiçoso. Embarcaram à noite. Nada viu. Saída do carro, entrada no navio. Dias depois desembarcou ao meio-dia.

Nem ao chegar, nem ao sair, lhe foi dado contemplar coisa alguma. O alvoroço do embarque à última hora, o desembarque às

pressa para outra viagem, impossibilitaram-na. Pulou do navio para um, outro carro, que se afastou do mar, deixando para trás os sonhos de Rosa.

Fim.

“Don’Ana”

Don’Ana tinha por habito levantar cedo. Fôra assim sempre. Em menina nunca lhe haviam acordado.

Era a primeira a pular da cama, pois gostava de ir, com o pai, ao curral. Cedo aprendera como arriar uma vaca para desleite.

Don’Ana casara cedo. Tivera filhos cedo. Tudo para Don’Ana viera cedo. Até a viuvez. Enviudara aos 20 anos. Com três filhos pequenos, Don’Ana ficara sem outra fortuna, que estes. Até a pobreza, para Don’Ana, chegara cedo.

- Caiporismo! Tanto que gostava da cidade e lá ia voltar à roça, viver das plantas e criações. Seu pai, quase tão moço como o marido morto, recebeu-a com um sorriso indiferente: - Não valeu a pena, casar.

Havia muitas maneiras de interpretar semelhante recepção. Verdade fôra que se casara sem muito amor. Seu pai sabia disto.

O que mais lhe tinha influenciado fôra o ir viver na cidade.

- Vida é a da cidade. Que mais se pode desejar, tendo tanto a ver? Isto pensava Don'Ana antes de casar. E sem outras considerações, lá se fôra para o casamento pela cidade. E lá viera por água abaixo os deslumbramentos. Lá estava outra vez na roça, no sitio. Foram totais os desencantos. Mas Don'Ana nunca se arrependera do que fizera. Aí estavam dois guapos meninos e uma menina. Para alguma coisa serviria.

Não atinava, pois com o verdadeiro sentido da observação de seu pai.

Não retrucara. Apenas movera a cabeça num gesto meio afirmativo, meio negativo. Porem de certo modo concordava com o pai: Não valera a pena ter ido para a cidade. De lá voltava com apenas aborrecimentos, afora as crianças. Seus três filhos não eram aborrecimento.

Mas lhe causavam aprisionamento. Mas só estes, trouxera. Os demais, por lá ficara. Não costumava embarcar desventura. Alegre se fora, alegre deveria voltar. Quem se foi, foi, por que choramingar o que não tinha mais remédio? A indiferença do Don'Ana pela morte do marido causou grande espanto no sítio. Todos esperavam por uma viúva tristonha, lamentando a cada instante a morte do marido. Não fôra isto o que se viu. Don'Ana quase não falava do esposo falecido e continuava quase tão alegre com dantes.

O espanto transformou-se em comentário. Não havia quem não supusesse Don'Ana capaz das mais indignas ações, dos mais infames procedimentos.

- D.Zulmira, que diz da filha de Seu Romão?
- Uma sirigaita, D.Gertrudes. Criatura sem eira nem beira. Não dou muitos dias, que não ande pintando as suas, se já não anda.

- Coitado de Seu Romão! Tão honrado e com uma tal filha.
- Filho de gato é gatinho, D. Gertrudes. Seu Romão não é muito santo não. Gente que dança muito, que canta muito!... Não sei não!
- Verdade, D.Zumira. Mas o homem não é desonesto. Dança e canta mas com a mulher de lado. Nunca se viu dizer que Sinhá Clarinha andasse ciuando do marido.
- Eu sei. Mas não garanto nada. A filha só puxaria a ele. Pelo São João observei ele na quadrilha. A senhora sabe que aqui no sitio, ninguém marca quadrilha como Seu Romão. Basta ele chegar a tudo se alvoroça. Quem dança endoidece, quem não dança se remexe. E a senhora não avalia como as mulheres caíam nos braços dele. “Xande dama” “Travessou” “Troca o par”. E as damas se derretiam nos braços dele.
- Que é isso, D.Zulmira! Não é tanto assim. A senhora nunca dançou quadrilha?

- Nunca. Nunca fui de dançar. E aquilo é muito complicado. Se eu chegasse a acertar, era a única dança que eu preferia.
- Ave!
- Será que este ano ele vai marcar quadrilha ainda? Sim, por causa da filha.
- Ora se vai. Este ano Sinhá Clarinha vai ceder o lugar para Don'Ana.
- Mulher sem entranhas, essa Don'Ana. Mas... Doido foi o doido que a carregou. Deve ter matado o pobre de sofrimento. Sempre foi doida!
- Nem se lembra dele!
- Deve é estar procurando outro, se já não encontrou. Nunca falta sapato furado para pé torto. Nessas e noutras conversas as mulheres se entretêm no sitio. Principalmente quando a filha do Seu Romão passava. E ela em casa não fazia paradeiro. As crianças ficavam por conta de D.Clarinha. Don'Ana era agora a mesma criatura de antes.

- Onde está Don'Ana, Romão?

- Por ai.

Se D.Clarinha achava bom ou não, nada dizia. Ia cuidar das crianças. E quando mais tarde, Don'Ana chegava, cabelos esvoaçantes, corpo molhado de suor, as crianças corriam para ela, "mamãe, mamãe!" Don'Ana as acariciava, beijava-as, mas por um momento. E numa reviravolta saía por outra porta. Depois voltava a si, e tomava conta dos filhos.

- Que você quer, meu amor?

Tomava-as ao colo, beijava-as, fazia-lhes as vontades. E passava-as a sua mãe. A qualquer pedido...

- Peça a Vovozinha. A mamãe aqui não sabe aonde tem nada.

Só a vovozinha.

Aos poucos Don'Ana voltou aos quinze anos de quando saíra do Sítio. E estalava sua cantoria pelos roçados e pomar indiferente.

- Aquela “poldra braba” não achou que lhe amansasse os guinchos, falavam.

- Que irá fazer nos matos?

- Ora que pergunta!

Os rapazes todos, do Sítio se enfeitaram. A casa de Seu Romão passou a ser o “santuário da romaria”. Mas a santa procurada não parava no altar. Pulava de um galho a outro, lá fora, com bom ou mau tempo Cessou a romaria.

D.Clarinha ganhou os três filhos de Don’Ana e a perdeu. Pela festa de São João, foi exatamente como se tinha previsto. D.Clarinha ficou com os filhos de Don’Ana e esta foi para a quadrilha.

- Xande dama! Gritava o pai. E Don’Ana faceira e leve, adejava pelo salão como borboleta. Nunca houvera São João mais animado no Sítio. Pai e filha contagiavam os demais e o sol chegou com Seu Romão e Don’Ana no meio da oitava quadrilha.

- Olha o “X”! ouvia-se.

Era a parte mais bonita, dizia D. Gertrudes. Don'Ana fôra par de seu pai a noite toda. E fizeram com que toda a gente dançasse.

- Uma sirigaita, a viúva. Don'Ana nem se lembrava de que era viúva, porque se esquecera de que havia sido casada. Não fazia caso dos pretendentes e era sempre Seu Romão que tinha de dar tratos á bola, para não ofender este ou aquele, com uma recusa desconexicada.

- Minha filha não se quer mais casar. Sentiu muito a morte do marido.

- Pirocas! Que disse eu? Força de habito. Assim é, continuamente. Por que diabo não fora assim, também Don'Ana? Mas no fundo se sorria. E bem que estava satisfeito com a conduta da filha. Ele, Romão, fôra sempre folgasão e não desejava nem de longe, a morte da esposa. Ele amava, isto era diferente.

- Pirocas!

Pensava, as vezes, nas crianças. Via que Don'Ana não as amava como devia, por mais que se esforçasse. Era isto o que mais lhe intrigava. Porém lá vinham outras considerações.

- Um indivíduo nasce para o mundo.

Quando Don'Ana começou a freqüentar a Vila, os comentários transbordaram.

- Bem se estava vendo que não queria gente aqui dos matos. O que quer é outro moleirão da cidade que lhe satisfaça os caprichos e a carregue novamente.

- Vai matar outro, com certeza. Don'Ana não dava ouvidos a falatórios. Via os olhares, via os cochichos, a sua passagem. Ia em frente.

- Cada qual com seu igual. Quando se soube que na ida à Vila, Don'Ana visitava a casa do Vigário, os comentários foram os piores possíveis.

- Ia tentar o Vigário, aquela cabeça de vento.

- O demônio ía por o homem de Deus no mau

caminho. Que Deus o segurasse.

- Foi Satanás que a tentou. Foi. Logo quem?

Deus nos acuda! Quando um homem de Deus vira os olhos por uma mulher não é só ela que fica excomungada. O lugar também. Agora no Sitio todos iam ser excomungados.

- Credo em Cruz, benziam-se as mulheres.

- Diabo a carregue, vociferavam os homens.

Nenhum de nós, lhe agradou. Foi bulir com o Vigário. Com o santo homem de Deus.

E lá vinham as histórias de lugares onde nunca mais tinha caído uma só gota de chuva. De lugares onde os lobisomens grassavam pelas estradas chocalhando.

- Seu Romão, o próprio Deu Romão, já havia escangotado a cabeça de um, diziam. Só ele, Seu Romão, não dizia isso. Queria esconder o crime, porque era homem também.

- Ah, os homens! Compreendiam-se, não é mesmo D.Zulmira?

- Se é!...

“A Cachorra da Palmeira”, andava por ai, fazendo miséria. Não havia quem a pegasse. Tinha que se fechar cedo, as portas. Era atrevida. Dez horas da noite e já andava a correr. Tanta gente a tinha visto! Era do tamanho de um bezerro.

- Cruz, Credo! Mula de padre, devia ser. E lavava o diabo escanchado no espinhaço. Aí daquele que fosse encontrado por ela.

- Mula de padre, por certo! Rasgara a perna de um, mordera o braço de outro, fincara as patas na barriga de outro

- Deus do céu!

- Quem? Onde?

Ninguém sabia dizer. Mas se podia garantir que era verdade. Tinha passado pela rua da Vila, na noite anterior. E desde que tinha lá chegado não saíria, ninguém esperasse. Precisava agora se andar armado e cedo da noite.

Qualquer dia passaria pelo Sitio, se já não estivesse passado.

- Havia muitas versões sobre a “cachorra da Palmeira”. Fora uma comadre que se casar com o compadre, fôra uma filha que espancara a mãe, fora uma freira que não procedera corretamente. Às tantas da noite, virava cachorra. Corria até o amanhecer.

- Até as freiras?

- Até.

Sim, senhor! Até as freiras entraram para o rol, para a identificação da cachorra. O mais certo porém, é que fosse mula de padre. Não se punha dúvida, que fosse “mula de padre”.

E lá se pensou em Don’Ana.

- Quem sabe, D.Zulmira!

- Quem sabe, D.Gertrudes!

Don’Ana era agora temida. Vista com horror e espreitada. E Don’Ana soube.

- Que? Dizem isso?

- Pois sou !... E riu a valer.

Mas Seu Romão enfureceu-se. E D.Clarinha chorou.

- Miseráveis! Dizer uma coisa dessas, com uma filha minha! São mesmo uns ingratos. Vou contar. Vou dizer ao vigário que não arrume mais escola para os filhos desse povo ingrato. E foi aí que se soube que as idas de Don'Ana a casa do vigário, prendiam-se a uma escola para o Sítio. Para os filhos dos moradores do Sítio.

- Deus misericordioso! Por que não se tinha visto isso? Como se pudera pensar em semelhante barbaridade? Bem se podia ver que a filha de D.Clarinha, uma santa como D.Clarinha, não podia fazer tal monstruosidade.

- Viu, D.Zulmira, que disseram com a pobre de Don'Ana? Povo infeliz! Ela procurando o bem deles e eles atraçoando-a. A cachorra se fora. A escola viera. Quase todos os pais, no Sítio, levaram lá seus filhos. O tempo correu. Don'Ana era toda para sua escola.

O sitio modificou-se. Havia esperança em quase todos os lares. - Um anjo, Don'Ana.

Deus no-la conserve.

Mal foram pronunciados tais votos e soube-se que Don'Ana estava para deixar o Sítio. Ia novamente se casar.

- Deus Santo! Ia-se então a esperança do lugar? Aquilo fora nada antes de Don'Ana, antes da escola. E agora tudo se ia despencando tão depressa?

- Porque ao menos não escolheu alguém do lugar? Todos a queriam. Porque desprezar assim que tanto a havia estimado?

- Doidice, D.Gertrudes. uma moça tão boa...não podia deixar de pensar em cidade? Estava tão bem, no Sítio. Tinha tudo. Todo o respeito do lugar.

- Um tipinho, o noivo dela. Não vale um derréis. Veio aqui uma vez só.

- E "voto", decerto, D.Gertrudes.

- Não. Veio para examinar a escola. As aulas, as provas, não sei que lá. Sei que veio examinar qualquer coisa no ensino das

crianças.

- E lá se vai, carregando a professôra.

- Pois é! Está direito isso? Não está. Deveria casar com qualquer outro, até com o vigário, se ele quisesse, mas nunca com esse intrujão, para carregá-la.

Lá ia novamente o vigário.

Com Don'Ana dava-se justamente o contrario.

Pela primeira vez era feliz. Entregara-se de corpo e alma ao trabalho do ensino e nele encontrava sobejo motivo de recompensa.

Nunca vira de tão perto a felicidade. Nunca se tinha encontrado tanto como no trato com as letras, a escola, as crianças! Era feliz e esquecera o amor. Este chegara-lhe agora, de supetão, na figura daquele examinador gentil.

- Como são bobas as mulheres! Um nada, um ninguém e se deixa tudo.

Don'Ana chorava, repetindo estas coisas mentalmente. Queria desistir, não podia.

Amor! Para que inventaram semelhante absurdo? Só o “Amor”. Só ele chegara tarde, em sua vida.

O sítio agora parecia arraigado as suas entranhas. E os filhos? E os pais? Agora amava o Sítio e sua escola... E não se conformava em deixa-la.

Mas não se conformava em renunciar ao amor.

- Tarde! Tão tarde, para me fazer sofrer!

Don’Ana chorava. E sofria, enquanto o Sítio inteiro dizia o contrário. Fôra assim sempre.

E, lá se fôra novamente para a cidade, desta vez pelo “Amor”

Fim.

“As mãos”

Pela estreita fenda da janela meio aberta, esgueirando, espremendo-se, entrava um pequeno raio de sol, que descansava no chão liso e brilhante daquela salinha bem cuidada. A mesa pequena de pés torneados, espelhava no verniz preto, exageradamente renovado à cada ano, com regularidade matemática. Uma estatueta de deusa mitológica, fora modelada a servir de vaso e constantemente recebia duas flores que no máximo podia conter. Duas rosas, dois cravos, duas açucenas, nunca duas flores diferentes. Quer o dia fosse claro, convidativo, quer turvo, frio ou chuvoso, aquele pequenina sala, aquela diminuta mesa, eram ocupadas invariavelmente à mesa hora e por uma mesma personagem.

A cadeira antiga tinha os braços recobertos de pele de animal, cujos fofos pelos recebiam o contato constante dos braços que descansavam aquelas mãos.

O tempo corria. Dias, meses, anos se passavam voando lá fora, onde o movimento imperava, engrandecendo uns, enlouquecendo outros, com seu recomeço a cada dia mais crescente, mais intenso, mais asfixiante. Ali, ao encontro daqueles mesmos objetos, sob o olhar frio, vago e permanente daquelas paredes branquíssimas, ele não passava.

O relógio era objeto expressamente proibido penetrar naquele lugar, cujo silêncio não podia ser perturbado pelo tic-tac de sua labuta, onde o trabalho ininterrupto não admitia intrusos ponteiros a darem ordens temporais. Havia perfeita exatidão quanto a hora de entrada naquele “santuário”, minúsculo e recôndito, encravado no centro e no alto de imenso solar. Um par de custosos sapatos, pisava invariavelmente à mesma hora, aqueles também custosos tapetes que desde a escadaria, ostentava.

- Por que não usar tapetes de ricos desenhos modernos naquela preciosa saleta?

- Capricho. Sim. Verdadeiro capricho daquelas mãos. Ali mandavam aquelas mãos. Só elas falavam e ordenava o que ali devia ser posto ou retirado.

O raiozinho de sol brincava no espaço límpido e reluzente onde o tapete não cobria, parecendo comprazer-se em medir sua claridade ao brilho do rival que aquela mesa sentava. Dois olhos frios o contemplarem. Porém talvez não lhes vissem a inquietude que tentava mostrar, sem contudo, conseguir. Por quanto tempo ainda continuava ele desafiando aqueles olhos? E desafiando-os, para que aquelas mãos tão gastas no zelo excessivo do seu mister, o recebessem? Elas podiam engrandece-lo ou destruí-lo conforme seu desejo, pois ele era apenas um raiozinho de sol. E que era um raiozinho de sol? Um nada

e um tudo, sob o poder daquelas mãos, que sabiam, à semelhança de Deus, tirar do nada grandiozíssimas coisas.

A luta era penosa e desigual, por quanto há tanto anos começada. Entravam os dois ali, sempre à mesma hora e desde então cada qual entregava-se à sua tarefa, cada um. Mais árduo. Era inglória, a sua parte, pensava o raiozinho de sol. Mas não desanimava dali se retirava, ainda volvia, de fora um clarão benfazejo, àquelas mãos.

- Um dia cuidarás de mim e não te arrependerás. Nada mudava ali. Por ordem daquelas mãos, “sinais” eram dados, para que tudo estivesse perfeitamente executado, as mãos merecer preocupações. A refeição trazida, os negócios encaminhados, as visitas recebidas, tão caprichosas, quanto pródigas, meio mundo as conheciam. Mas os olhos, jamais. Eram feras estranhas, em jaulas desconhecidas. Viam sem ser vistos.

Para eles se voltavam as maiores atenções e a fama os cobria de lisonjas e vaidades. Disputava-se a honra de abseQUIAR. Com homenagens, aquela tão grande personagem, cujo físico era desconhecido.

Dela o que se conhecia, era as mãos, aquelas mãos que enviavam autógrafos, assinados sobre a fotografia delas.

A fama aumentava mais ainda, à custa do mistério.

- Por que não apareceria em público?

- Por que não receberia com presença as justas homenagens que admiradores das mais diversas categorias lhe desejavam fazer?

Na pequena sala, a vida era a mesma de sempre. No silêncio inabalável dos dias ou das noites, só aquelas mãos se moviam. Moviam-se e falavam. Em grandes páginas ou em curtos dizeres iam produzindo, produzindo, dizendo. De lá saía a crônica para o jornal, o manuscrito para a editora, a peça para o teatro.

Era louvado, criticado, amado e detestado. Mas não se sabia se aquelas indizíveis mãos que invariavelmente cruzadas, apareciam, era dum aristocrata, ou dum simples burguês enriquecido, tantas e tão múltiplas variações apresentavam suas produções. Um risinho solto lhe assomava aos lábios e aqueles olhos de impassível alterabilidade quase lhe enfeitavam o rosto magro, a ler os mais contraditórios juízos que se faziam a seu respeito. Era um motivo de contentamento já quase habitual. Mas um dia aqueles olhos frios tornaram-se mais duros que a pedra e aquelas mãos encrisparam-se com movimentos bruscos, momentos depois alguém postava-se a sua frente.

- Deseja alguma coisa?

O olhar frio indicou-lhe um anúncio de jornal, em primeira linha: "O nosso misterioso escritor não passa dum homem..." O olhar do velho criado olhou interrogativamente aqueles

olhos frios que lhe transmitiram com a fala costumeira.

- Então foste tu, o traidor?

- Não, senhor. Eu jamais faria isto. Não compreendo. Não compreendo, absolutamente!

- As mãos transmitiram o desaponto. Retirado o que fora chamado, aquelas mãos continuaram seu trabalho. Agente de maquinário prodigioso. A rica “pena” deslizava por sobre as brancas folhas, impregnado-as de seu hábito também misterioso, mas de força poderosa, altamente sugestiva. Mãos que salientavam grandes veias azuis, moviam-se ininterruptamente, conservando, pela força do hábito, perfeita identidade de forma na caligrafia. Quando uma trabalhava outra descansava no esmalte reluzente da pequenina mesa. E aquele maquinário que trabalhava em multiplicidade de formas não descansava? Sim, maquinário visto através de dois olhos frios, sobejamente impassível para demonstrar o movimento

intenso que atrás de si, perpetuava-se e de cujo trabalho aquelas mãos encarregavam-se de apresentar, também descansava. Entre um espaço e outro, as mãos declinavam para o repouso, que não era interrompido pelo mais leve e banal dos pensamentos. Era desligado completamente da corrente elétrica que o movimentava e por alguns instantes, recebia, novo óleo lubrificante, para perfeito funcionamento daquele motor.

- Velho ou moço seria aquele maquinário?

- Velho. Velhíssimo. Mas quem o diria? Suas produções novas, modernas, atualizadas. Sem os excessos da mediocridade, é claro. Julgadas a luz de vela, dir-se-iam produto de punho jovem, vida em progressão, flores do viço ápice de mais compensadora das situações almejadas. Seus movimentos eram bruscos, fortes, ágeis, com um vigor característico. Nela não aparecia a senectude,

porque naquele maquinário ela não existia. Como a se revirar nos tempos, traziam mais impulsividade, mais destreza e agilidade. E por que não achar verdadeiramente admissível que o progresso imaginário acompanhe de par, com progresso científico? Na evolução que se continua ininterrupta, há lugares e assentos paralelos para conter a jovialidade de espírito através das encarquilhadas rugas, na permanência constante dos pronunciamentos junto a evolução da ciência, cujos frutos permitem a humanidade uma possibilidade de vida nunca então sonhada. E vão porventura, estas vidas do próximo presente-futuro, desfrutar dos incalculáveis confortos previsíveis, dentro dos eternos complexos da ancianidade? Para que fez Deus, a humanidade? Para crescer na felicidade e desaparecer na desventura, já que a senilidade, sob todos os aspectos, é desventura?...

Nunca. Nem assim se compreendia Deus, em sua máxima grandeza e magnitude. Sua infinita sabedoria. Assim pois, o maquinário do nosso escritor ocluso, produzia coisa que se diziam fantásticas. Falava da velhice como “sagrada” aureola resplendente de luz das experiências vividas, solene e grave pelo desapego às coisas vãs, lucivelo ideal para a vida do espírito, em completa perfeição. Muitas das suas escritas, falavam de vidas que me coçara embargar aqui por emoções fúteis, outras que a subjugara com muito sacrifício, outras que até nelas sucumbiram. Porem nunca em extremos de lamentações ou euforias, acentuando em primeiro lugar o discernimento, o entusiasmo, a compreensão, a arrebatada alegria de viver. E, com toda exuberância enaltecida a vida que nos foi dada e que tão pouco conhecemos dela. A vida com vida, em cada uma das coisas que divide.

E falava da faculdade de penetração sensível nos mistérios da natureza mãe, elevada com ela a dignidade das coisas criadas. O descobrir da vida de cada um dos seres racionais. Mostrar o lado bom e não o mau que teima em sobrepujar-se. O latente, o perfeito que espera pacientemente com a dádiva do perdão para as maquinações inconscientes do ser criança, ainda sem uso da razão.

Nosso escritor empolgava-se ao falar da vida que perdura e se continua sem desfalecimentos, sem canseiras, vigorosa e sempre jovem através da auréola sublime dos cabelos neve. Dizia que esta seria a vida que regurgitaria no futuro. O homem seria sempre jovem, mesmo dentro de sua máscara de velhice. A velhice, tão depreciada injustamente, no seu preciosismo encanto.

Reiterava que a juventude insegura do momento, se modificaria. E teria afeição por essa idade, realmente vivida, sem o temor

errôneo, infelizmente perpetuado, de que fosse má. E a almejará com pleno conhecimento de sua excelência, do seu triunfo. E cultivaria com dedicação os tesouros do conhecimento, adquirindo-os na virtude.

E serão vanguarda contra o maior flagelo da humanidade, a ignorância. E entrará nessa fase da vida com inteiro poder de desfrutá-la copiosamente. Só aí, então, completar-se-á as duas grandezas fundamentais: vida e ciências. Uma com o perfeito conhecimento de sua superioridade sobre a outra, de quem se servirá perenemente, sem o receio prejudicial de ser por ela destruída. Que se mantém e se perpetuará na jovialidade, no otimismo, na convicção das coisas boas por ela proporcionadas. O raiozinho de sol, pequenino e insignificante, lá estava no assoalho reluzente, em sua luta desigual e continua.

Forcejava por ser visto e reconhecido por aquela figura silenciosa e de perfeito alcance visual, cujo conhecimento de seu próprio valor fôra muito cedo, na juventude. Fôra ainda nos tempos de adolescência que descobrira o encanto duma moldura “branca” sobre a torre de Babel, da humanidade. A moldura dos cabelos embranquecidos. Nela estava o véu da felicidade, tão tenazmente procurada. Descobrira-a, desejara-a, mas não fôra imune aos tropeços da juventude, talvez pelo contrario talvez houvesse mais que outros, tombado neles. Porém a cada tombo tinha maior pressa em levantar-se e fitar sua meta, aquela futura vida de cabelos brancos, encobrimdo a perene felicidade de sua alma.

Aquelas mãos escreviam. Aquele cérebro trabalhava. E aquela figura ía vivendo uma a uma, todas as vidas que descrevia. Fictícia ou verdadeira. Uma satisfação acompanhava o trabalho daquelas mãos. E só ela, já

compensava os esforços despendidos e superava a quantas outras, pudessem, lá fora, a vida proporcionar-lhe.

A solitária existência, prisão indesejável a quantos tivessem ciência dela, tinha-lhe encanto particular. E era com um misto de orgulhosa alegria que fechava a porta daquela minúscula sala, para afastar-se do mundo, viver sua arte, sua verdadeira vida. E sentia prazerosamente o perfume das duas flores em sua mesa. Aspirava-o e elas pareciam sorrir, agradecer.

Muitas vidas eram ali nascidas, alimentadas. Aquela mãe fecunda as formava, dava-lhes corpo e consistência, soprava-lhes o bafo da vitalidade e as punha no mundo. Dava-lhes poder de abalar consciências e comover corações. Era o artista assemelhando-se ao Supremo Artífice, criando, à semelhança dele, sua obra. E em cada parte concluída, a satisfação e o agradecimento. O exemplo

vinha da criação do mundo. Em cada fase de sua obra, via que tudo era bom e lhe dava plena satisfação.

Assim trabalhava aquelas mãos. Nas pequenas ou grande vidas ali formadas, empenhavam-se em conceder lhes o melhor que pudesse, na sua retratação. E a figura grave e misteriosa cujas mãos trabalhavam, era inteiramente feliz na solitária e silenciosa saleta.

As duas rosas vermelhas que naquela manha escolhera para companhia, exalavam um perfume sutil, ora percebido, ora evaporados. E era, provavelmente por isto, que se tornava mais delicioso. Adorava rosas.

Principalmente as vermelhas. Quantas vezes não foram elas para longe, com vidas em outras vidas que criara! Era fitando-as, que encontrava beleza para tantas outras coisas que não eram belas, mas que precisavam de beleza. Poder-se-ia acaso, isolar a beleza da fealdade? Não fôra mesmo para enfeitar uma.,

que outra fôra feita?

A mais viçosa flor, é aquela que se enraíza no mais feio dos enxertos. E é com orgulhoso encanto que ostenta sua beleza, sobre fundo tão repugnante. E foi pensando nestas coisas que aqueles olhos frios fitavam as rosas vermelhas, naquela manhã de sol.

O raiozinho chegou-se, acelerando suavemente sua claridade.

Também tu, que és belo, pousas sobre lugares hediondos!

- E eles não me afetam. Continuo belo, claro como sempre.

- Mas não te acompanham aonde vais.

Prossegues com tua limpidez intocável.

- Mas a rosa tem espinhos. Eles não são belos nem perfumados. Nem possuem a cor maravilhosa de suas pétalas. Entretanto se os tirares, ela não terá a mesma beleza majestosa de antes. Não seria jamais, a rainha das flores.

- Verdade. Falas acertadamente. Mas...

- Não há mas. Por que temes tanto esse mal físico, se não precisas em absoluto, da falta dele?

- Não preciso? Ah, não sabes como desejaria afasta-lo, para poder dizer tudo quanto quero.

- E podes. Dissestes já, dizes e continuas a dizelo. E mais ainda do que dirias como desejas. Não vêes que a falta de um é a complementação do outro? Não serias, jamais, tão exatamente completo no dizer da tua obra, se não o tivesses a impedir, por meio próprio, o esbanjamento de uma boa quantidade dos seus fatores. Assim, pois, alegra-te também por ele e chegarás ao grau Máximo da felicidade terrena. O silencio se fez , naquele lugar. Dia seguinte, o pequeno raio de sol brilhava serenamente. A luta cessara. Aquela força imensamente superior havia se curvado, ante a força persistente da inteligência daquele diminuto raiozinho de sol. Vencera.

Estava ali contentíssimo agora, porque aqueles olhos frios e aquelas mãos se ocupavam dele. No seu canto de chão reluzente, brilhava e rebrilhava, no afã de sua deslumbrante vitória. Algum tempo depois a cidade exulta com uma notícia grandiosa:

“Nosso empolgante e misterioso escritor, que por tanto tempo recusou homenagens, vem à público apresentar sua mais recente criação: “Um raiozinho de sol”, que será a historia de um mudo, porque ele é mudo”.

Fim

Alice 1960